Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

29.º Anno — XXIX Volume — N.º 1:008

30 DE DEZEMBRO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

A VIRGEM E O MENINO

Fac-simile de uma gravura em cobre do falecido professor Antonio José Nunes Junior

Chronica Occidental

Nem que ahi nos chegasse outra vez, a Náo Cathrineta teria mais que contar de que nós. Porque, afinal, o que é que lá lhes succedeu? Foi o capitão tentado pelo demonio. Mas o demonio está sempre fazendo d'essas por toda a parte. Cale-se pois a náo com seus lindos versos, que já nos não dão nada de novo e olhemos para esse mundo todo, onde coisas tão extraordinarias se estão passando.

Não nos demoremos muito entretanto, que n'estes fins do anno, entre tão duas lindas festas como as do Natal e do Anno Bom, melhor é descançar os olhos em mais lindos quadros do que esses, sempre de lucta, que traz sobresaltados os espiritos, em França com as questões religiosas, na Allemanha com o procedimento ultimo do Imperador, na Hespanha com os acontecimentos da politica interna, em Marrocos... Mas não vale a pena continuar; poderia esta chronica parecer um diccionario de geographia.

Não faz Portugal excepção ao resto do nosso planeta. Cá e lá, más fadas ha; mas parece que vieram para cá tomar assento algumas das mais velhas e rabujentas.

A' hora em que esta escrevo, deve estar o Terreiro do Paço apinhado de gente, que espera a chegada da familia real a Lisboa. Dizia-se hontem á noite que haveria manifestação monarchica promovida por alguns negociantes de Lisboa pertencentes ao partido regenerador liberal. Receavam-se desordens; devia de hoje estar a policia de prevenção. E' tarde já para esperarmos o que haverá de novo, que na typographia já os compositores murmuram pela demora dos meus linguados de má caligraphia.

Tambem nada direi aos meus leitores a respeito do drama historico de Lopes de Mendonça que hoje deve ser representado no palco do theatro de D. Maria. Mas a peça, que foi escripta por occasião do centenario da India, ha muito está publicada e sobre seu valor já todos os competentes deram o seu parecer. Restava-nos só falar do desempenho, mas bastará dizer que é Brazão o encarregado do papel de Affonso de Albuquerque, para havermos todos a certeza d'um exito de primeira ordem.

Lopes de Mendonça é um patriota, e muita vez o demonstrou. Tem farta leitura da nossa historia da India e das façanhas dos portuguezes durante aquellas decadas gloriosas, que á levaram immortalidade os nomes de tantos heroes. A figura do Leão dos Mares havia de tental-o e Albuquerque terribil conquistou mais uma homenagem de poeta.

Ha occasiões em que a fibra patriotica precisa de ser movida e talvez estejamos atravessando um tempo em que bom é relembrarmos que a vida que tivemos ha seculos, a vida nos assegura por seculos ainda. Claro está que não devemos unicamente excitar brios guerreiros e cuidar que isso nos basta, porque as philaucias rhetoricas, a que já por vezes responderam risos ironicos, podem alguma vez promover grosserias, se antes não provarmos sabermos responder-lhes.

O patriotismo portuguez tem relampagos. Vimos-lhes a luz em janeiro de 90; ainda a vimos, annos depois, quando Mousinho de Albuquerque voltou de Moçambique cheio de gloria; deveriamos tel-a visto agora mais brilhante, gerada das declarações anti-ibericas na camara. Mas que trevas em tão longos espaços! Em grandes e pequeninas coisas, quanta vez observamos o maior desapêgo dos portuguezes á sua terra, em todos os meios, em todas as classes! De quando em quando, os excitantes são precisos.

Um d'estes dias, uma nova, que despertou certos sentimentos de melancolia, nos chegou da Terceira pelo telegrapho. Morrêra o Gungunhana, o que foi na Africa soberano poderoso e veio a expirar, muito longe de seus milhares de vassallos, de seu harem de formosas pretas, de todo seu poderio, encarcerado n'um forte.

A justiça com que o trataram foi deveras cruel e despertou a piedade de muitos. Pequenos ridiculos faziam dó. O Gungunhana a fazer exame de instrução primaria, sabendo de cór os reis da primeira dynastia e seus cognomes e differençando das orações integrantes as orações incidentes! Elle que fôra senhor absoluto de seus dominios, vatua soberbo, que tanta vez ouviu a seus soldados os hymnos de guerra!

Cabiam agora aqui duas columnas de philosophia com bocadinhos do Ecclesiastes; mas n'este tempo não se deve falar de tristezas, e não ha dois minutos, sob a carga d'agua, passou aqui na rua, falando de alegrias, um bando de perus: glu! glu! glu! De alegrias para outros, já se vê.

O peru e o porco são realmente animaes com pouca sorte. O que lhes vale é ignorarem o destino que os espera, como aquelle gallo da missa do gallo, cuja biographia nos contou Acacio de Paiva com tanta graça. Comer é a vida d'elles, e com que doce carinho os tratam! O *pirum velho*, até ha quem, minutos antes da morte, o entorte com dois decilitros de vinho branco e um copinho de boa aguardente. Como todos devem morrer agradecidos á humanidade!

O Natal é por todo o mundo christão o dia da grande festa. Ainda não ha muito, estive relendo as cartas de Inglaterra por Eça de Queiroz e as lindas descripções que elle nos faz do Natal inglez, da neve que cai nas ruas e das alegrias das crianças, que rodeiam o lume aconchegador. Como o lume é bom, quando a neve cai lá fóra! E como é preciso ser-se deveras egoista para n'esse momento esquecer o pobresinho que lá fóra treme de frio e morre talvez de fome!

Quantos artistas se inspiraram no Natal para seus quadros, suas esculpturas, suas poesias. Em Portugal é o Natal festejado ha muito, é elle uma das nossas festas verdadeiramente tradicionaes. Ha já bastantes annos, salvo erro n'este mesmo jornal, dedicámos um longo artigo a Gil Vicente, que, tanta vez, no nascimento de Jesus se inspirou para seus autos. Matinas do Natal! Estes nomes logo nos recordam a graciosissima obra do grande poeta. Nas matinas do Natal se disseram pela primeira vez aquelles graciosissimos versos da Mofina Mendes, que todos, mais ou menos, conhecemos, mais não seja que das poesias selectas de Midosi.

E os presepios do Machadô de Castro? Quem mais d'uma vez se não deixou por elles enlevar? Foi tal a fama que obtiveram que não ha hoje bonequinho de barro com certa perfeição que não digam todos que é d'elle. E' que os ha tão lindos, que não sei se valem mais do que a estatua de D. José.

Um dia d'estes, foi na egreja de Santa Isabel roubado um Menino Jesus que a Machado de Castro era atribuido. A mão sacrilega d'um gatuno levou-o d'um altar, onde, entre luzes e flores, mãos devotas o haviam collocado. Aonde irá elle parar? Que thesoirosinho teve o larapio nas mãos, sem dar talvez por isso! Quem rouba a ladrão não é ladrão, quanto lhes daria o bric-a-braquista?

Seria o gatuno tão esperto como aquelle que do Santo Antonio de Murillo recortou o Menino Jesus e foi aos Estados Unidos vender o bocado de tela?

A gatunagem anda em Lisboa desenfreada. Chega a pobreza a ser um verdadeiro socego de espirito. Nem já os santos lhe escapam! Os mais ambiciosos furam os taipaes dos ourives; os mais modestos arrombam os mealheiros das almas. Mas afinal uns e outros são apenas cabos de es quadra no numeroso regimento. Ah! se o padre Vieira voltasse veria que a sua *Arte de furtar* não passava d'uma cartilha infantil. O que o progresso tem feito n'este assumpto! Que porção de bilhetes de boas festas teem recebido n'esta época alguns dos maiores ladrões do mundo! Nem já se lhes chama ladrões, que a cortesia o não permitte; quando muito, e á bocca pequena, se lhes chamará meninós; mas, em geral, é d'aqui para cima e com muito respeito, que o dinheiro é tudo, até a paz e a guerra. O pudor é que lhes dá por vezes outro nome, ás vezes pomposo, como, por exemplo, a honra da nação.

E já que falei ha pouco das Cartas de Inglaterra, aconselharei o leitor a ler os capitulos excellentes que se referem ao bombardeamento de Alexandria.

Mas muito melhor seria não falar d'estas coisas e cuidar de não mais entristecer esta chronica, ultima d'este anno de 1906, que em tristezas e semsaborias já por demais foi fecundo. Fechamos o anno dando boas festas aos leitores pacientes e desejando-lhes um anno futuro todo cheio de felicidades. Imaginem aqui pintado um anjo de bilhete postal, todo de azul e branco, salpicado de lantejoulas de oiro e prata. Era um assim que eu desejára encarregar do meu recado, para ser homem da moda e não fazer esforços de fantasia que dão, por varias vezes, resultados pessimos.

Desejamos que nas engrenagens novas o tempo corra mais sereno e o ponteiro só nos aponte horas, oito mil setecentas e sessenta, de muito grande felicidade.

JOÃO DA CAMARA.

A VIRGEM E O MENINO

O quadro, que ilustra a primeira pagina deste numero, reproduzido na finissima gravura a talho doce do fallecido professor Antonio José Nunes Junior, é um dos mais encantadores, que recorda a vinda ao mundo do Divino Infante no regaço de sua Immaculada Mãe, o que todo o mundo cristão nestes dias commemora.

A gravura é, como dissemos, do fallecido professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa, de que tambem foi diretor, Antonio José Nunes Junior, e foi a prova final do curso de gravura a talho doce, que concluio em Paris no anno de 1879.

Por fortuna podémos obter uma prova *avant lettre* desta gravura, que nos foi obsequiosamente cedida pelo sr. Martinho da Fonseca, para a reproduzirmos no OCCIDENTE, arquivando assim, neste grande repositorio da arte e da historia, mais uma obra primorosa de um artista português.

BELEM, DE JUDÁ

Destaca-se no plano geral das civilisações a tipica singularidade, dum fenomeno vulgar, sêr, todavia, um padrão indelevel no rejisto da Historia e na sucessão das idades, — o nascimento em Belem, de Judá, de Jesus Cristo.

Ha, porém, uma razão justificativa do caso, na obra de pura moral e de elevado doutrinamento realisada por quem tivera berço humilde na pousada concedida a sua mãe para abrigar-se da aspereza duma noite de dezembro.

Foi Jesus, em Belem, o que fôram antes delle e teem sido depois todos os organismos depostos no laboratorio da vida exterior pelo esforço heroico da maternidade, — uma crença, e nada mais.

Mas, de crença, tão pobre e desprovida, que simples manjedoura e réles palhas constituiram o berço e cobertura do debil corpo, surjiu o Homem!

E, quando o Homem, de Belem, esquivo ás prosapias do mundo, tendo rido muitissimo pouco, gemido quotidianamente sobre as miserias sociaes, propôsto um mandamento novo na palavra de amor, quando o Homem de Belem, recebeu como escravo a expulsão dos maus pagadores, legou aos homens uma herança unica, — a Cruz!

No colosso procurára sudario a civilisação oriental a na mumia existe hoje o ejipcio de eras primitivas; a Grecia sublimára-se no delirio da Arte, e ainda nos sacode e arrebata; vencêra Roma os vencidos d'Alexandre, sonhára e consumára o dominio universal, e na lingua, agora mesmo, nos esclarece a inteligencia pelo estudo das suas leis.

Não admira que isto seja, visto haver correspondencia de atração e espontaneidade de impulso curioso, de tudo e para tudo que em si revela e em si contem, cunho e essencia de genio.

Ora, em Belem, local situado no escuro em relação ás Babilonias de todos os seculos, ocorria, meramente, um parto, quando a fortuna desenhava para Augusto os quadros triumfaes da vitória.

Pois, o imperio passou ao preterito, e os Augustos desapareceram da cêna do grande teatro, e a Cruz permanece, e o Natal vinga encantarnos! E' que havia muito de falso no existente e refervia muito de insatisfeito no amago da sociedade e na esperança dos povos.

Carecia a epoca duma iniciação de principio, que ninguem ousára formular, mas que era segredada a cada creatura racional pela propria consciencia.

Comprehendera-se o não fundamento para desconsiderar o que a natureza unira e irmanára, e propendia-se irresistivelmente para a affirmação cabal e solêne da dignidade humana.

«Amae-vos!» — ouviram alguns companheiros dum descalço, que fôra nádo em Belem, de Judá.

Eis o toque de clarim da revolução que precedeu a do anno de 1789, e que ainda está longe de abater no conhecimento pleno da verdade, o orgulho e a altivez de tantissimos egoistas, aclamados, que não querem refletir no incerto e rapido das coisas desta vida.

Entretanto, os sem arminhos e sem joias, obedientes ao preceito de amor tomando como armadura a Cruz do escravo, partiram em busca de dôres para lenir e de desconhecidos para abraçar.

Fôram estes verdadeiramente os servos dos servos, a gloria evangelica de Jesus, a flôr do Cristianismo.

No seu camiñhar, entraram na cidade dos Cesares, e ahi, ao pedirem-lhes que adorassem o

tirano da terra «então, sem odios, sem violencias, conforme escreveu Ampére, quer o imperador fôsse bom, quer fôsse mau, recusavam, e a dignidade humana estava salva».

Aviva em nós a recordação de taes maravilhas emancipadoras, a festa do Natal, tão de molde a prender os corações e a embelezar os lares domesticos. Regosijemo-nos com a festa, façamos participar das nossas alegrias a quantos se acham viuvos de pão e de vestido, e banindo sobranceirismos, que não se compadecem com legitimos sentimentos de fraternidade, não deixêmos esfriar o amor patrio que levou a bandeira de Portugal a arar, gloriosa, todos os mares e a difundir a lei civilisadora de Jesus no animo de multidões de selvajens.

D. Francisco de Noronha.

NO VALLE DE CEDRON

Era proxima a hora nôna, hora em que toda a Judéa parecia cahir em profundo meditar.

O sol, prestes a afogar-se no mar de Jaffa e de Tyro, punha uns tons rubros em todo aquelle valle de Cedron, onde o silencio era apenas interrompido pelo esvoaçar das pombas ou pelo gemer suave das rôlas.

A caminho da fonte Ezequiel, que ficava lá ao cimo, encrustada entre rochedos e a formar um precipicio medonho, ia subindo uma gentil rapariga, filha de Samaria, de olhos negros e avelludados, que rivalisavam perfeitamente com os das mulheres de Jaffa.

Tão absorta ia a bella rapariga, que não deu por ser seguida de um legionario, um d'esses soldados romanos que tinham vindo no sequito de Claudia Procula, esposa de Pilatos.

Por effeito das repetidas libações a Baccho, o legionario, de olhar incandescente e rosto congestionado, caminhava em zig-zags, sem quasi se poder equilibrar.

Chegada á fonte, a pequena, depois de encher o seu cantaro, deixou-se ficar por alguns momentos a contemplar o desmaiar do dia.

Desfructava-se d'ali um bello panorama, realmente!

Lá ao longe, via-se nitidamente, a velha Jerusalem, com as suas torres ameadas, os seus formosos jardins e os seus templos, onde o povo accorria a fazer oração ao Senhor.

Mais longe ainda, como que a fechar a encantadora paisagem, distinguia-se frouxamente, n'um tom azulado e quasi a confundir-se com o céu, o monte das Oliveiras, o Golgotha e esse outro monte de marmore e ouro, chamado Moriah, tão falado nos livros sagrados.

O ar parecia impregnado d'um perfume suavissimo, que fazia dilatar as narinas e arfar os seios intumecidos da rapariga.

E, tão embevecida estava a linda samaritana, que não deu pela approximação do ebrio, o qual, fazendo um esforço sobrehumano, tentou agarral-a pela cintura.

Cheia de terror pela brusca apparição, a pequena soltou um grito e quiz fugir, mas o seu perseguidor tomou-lhe o passo.

—Deixai-me passar! bradou ella com altivez e, ao mesmo tempo, suplicante.

—Pois não minha pomba!... mas primeiro... juro-te pela espada de Augusto, que foi meu companheiro d'armas, que hei-de beijar esses olhos. .

Dizendo isto, correu novamente para ella, mas esta deu-lhe tal safanão, que o fez cahir a pouca distancia, emquanto o elmo lhe rolava pelo sôlo.

Aproveitando este momento, a pequena deitou a correr por entre os rochedos, indo refugiar-se n'uma gruta que havia por cima do abysmo.

E o sol, prestes a afogar-se no mar de Jaffa e de Tyro, punha uns tons rubros em todo aquelle valle de Cedron, onde o silencio era apenas interrompido pelo esvoaçar das pombas ou pelo gemer suave das rôlas.

O legionario, porém, que se tinha levantado lesto e vira onde a rapariga se refugiára, correu, aos bordos, em sua perseguição, dizendo:

—Olá!... foges, minha gazella!... pois vaes vêr como um soldado romano cumpre a sua palavra.

A samaritana ao entrar na gruta, percebeu que o seu perseguidor lhe descobrira o refugio e que ninguem lhe poderia acudir, porque a fonte e todo o valle estava dormente áquella hora.

Então, cheia de profunda crença, cahiu de joelhos e orou ao Senhor.

—Meu Deus!... não me desampareis... valei-me!...

Um grito enorme se ouviu n'este momento.

Approximou-se da entrada da gruta, e viu, lá em baixo, despedaçado, o corpo do legionario, que não se podendo equilibrar na sua vertiginosa carreira, se despenhára no abysmo.

Quando levantou os olhos, viu ao longe, sobre o Gareb, recortada na atmosphera, uma como silhuete alvissima, celestial, desconhecida no mundo, que de cabellos cahidos, mãos sobre o peito e olhos postos no céu, parecia implorar do Altissimo alguma coisa.

Era Jesus, o Nazareno, que ali ia todas as tardes fazer a sua oração, pedindo a seu divino Pae a emancipação d'aquelle povo tão escravisado e opprimido pelos seus senhores.

Ao vêr aquella sublime figura, a samaritana ganhou então coragem e poz-se serenamente a caminho de casa, emquanto o sol se afogava no mar de Jaffa e de Tyro, pondo uns tons rubros em todo aquelle valle de Cedron, onde o silencio era apenas interrompido pelo esvoaçar das pombas ou pelo gemer suave das rôlas.

Ricardo de Souza.

O Nosso Supplemento

Restauração de Portugal. — A coroação de D. João IV. — Quadro de Velloso Salgado

Nunca é demais recordar o grande facto historico, que o quadro hoje reproduzido, em suplemento do Occidente, commemora.

E' esse quadro de um artista portuguê o sr. Velloso Salgado, que tem ilustrado sua longa carreira com obras de alto merecimento artistico, algumas das quaes tem sido reproduzidas nestas paginas.

O quadro *Coroação de D. João IV* foi feito para o Museu de Artilharia e ali collocado, ha pouco tempo, na Sala D. João IV, onde o nosso collaborador artistico, sr. Alberto Lima o fotografou, medeante obsequeosa autorisação do sr general Alcantara, digno atual diretor de aquelle museu.

A coroação de D. João IV realisou-se, segundo dizem as cronicas do tempo, no dia 15 de Dezembro de 1640, junto ao Paço da Ribeira, num grande estrado armado para aquelle fim para onde se subia por quatro degraus, e sobre este outro de dois degraus, tudo coberto de ricas alcatifas de seda.

No auto do Levantamento lê-se, que, no estrado pequeno se pôz uma cadeira de brocado de tres altos, coberto com um panno do mesmo brocado, debaixo de um rico docel bordado de ouro e prata, etc.

O Duque de Bragança aqui foi coroado Rei D. João IV de Portugal, com assistencia de toda a côrte e na presensa do Povo que, com dilirante entusiasmo, aclamou o seu novo Rei.

Neste acto solemne fez de condestavel D. Francisco de Mello, marquez de Ferreira, e de alferesmór, empunhando a bandeira desfraldada ao vento, Fernão Telles de Menezes.

Ali estavam: o arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, que tão importante papel teve na restauração da independencia, D. Francisco de Castro, que foi bispo da Guarda, inquisidor geral do reino; D. Sebastião de Mattos de Noronha, arcebispo de Braga, todos do conselho de estado de sua magestade; os cabeças da conjuração, João Pinto Ribeiro e Sanches de Baena, assim como as mais valorosas espadas, os conjurados D. Antão Vaz de Almada e D. Miguel de Almeida, que se vêem á esquerda do quadro.

Quando sua magestade se sentou, diz ainda o auto do Levantamento, foram os grandes titulares, seculares, eclesiasticos e mais pessoas da nobresa, jurar e beijar a mão de El-Rei, fazendo depois o dr. Francisco de Andrade Leitão uma fala mostrando os direitos de El-Rei á coroa destes reinos.

E' este grande facto historico que vive no bello quadro de Velloso Salgado, e que foi o termo do jugo estrangeiro que por sessenta annos oprimio o povo portuguê.

Que elle nunca o esqueça, transviado entre as paixões politicas, que muita vez levam á ruina de uma nacionalidade.

INDUSTRIA PORTUGUÊSA

Visita da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes á Fabrica de cimento Portland «Tejo» dos srs. Antonio Moreira Rato & Filhos

Por varias vezes temos afirmado nesta revista quanto importa para a regeneração economica de nosso pais o desenvolvimento da arte e da industria nacional, como fonte perenne da riqueza publica.

E' esta uma verdade que é preciso apregoar e nella insistir por todos os meios, num pais como o nosso, onde, infelizmente, tanta coisa se ignora sobre explorações de industrias, onde a iniciativa é coisa rara, e a parte da população que se considera mais ilustrada limita as suas ambições a ter um logar á mesa do orçamento, como o que mais lhe surri a seu ideal.

Esta calamidade que nos empobresse, que nos anniquila perante as nações cultas, devemo'l-a á falta de instrução e á má orientação da que existe.

Emquanto as universidades despejam todos os annos centenares de doutores que vem enxamear pelos gabinetes e secretarias de estado, a mendigar um emprego ou uma candidatura por algum burgo podre, aumentando cada vez mais o proletariado intelectual que por ahi se alastra, quaes são os cursus que realmente habilitam com uma instrução pratica para a grande vida das artes, das industrias e do comercio, consequencia destas? Onde está a instrução primária, bem orientada e difundida, baze principal de todo o ensino?

São questões muito complexas que não nos propomos tratar nestas breves linhas, mas que quisemos tocar ainda que de leve, para melhor resaltar o valor de uma ou outra iniciativa que raro se afirma em nosso pais, e tanto mais quando essa iniciativa é arrojada e leva de vencida todos os obstaculos que se lhe depararam em seu caminho.

Está precisamente nestes casos a Fabrica de Cimento Portland *Tejo*, que a convite de seus proprietarios e fundadores, os srs. Antonio Moreira Rato & Filhos, visitámos no dia 27 do corrente, na honrosa companhia de alguns membros da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes levando á sua frente o distintissimo engenheiro diretor dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste sr. conselheiro Fernando de Sousa.

Em poucas palavras se póde resumir a historia da fundação desta fabrica, mas essas poucas palavras são eloquentes para exprimir o meio em que nos encontramos.

Em 1890 Portugal foi ferido pelo estrangeiro em seu orgulho e uma grande dor penetrou no coração de todos os portuguesês fazendo-lhes soltar um grito de entranhado amor patrio.

Se a nação não podia reagir pela força dos seus canhões, tinha outros meios de reacção; o trabalho de todos os seus filhos para se emancipar de importações que a tornavam tributaria dos estrangeiros, desequelibrando cada vez mais a balança comercial, agravando em cada dia a crise economica e financeira a que todos assistimos, era a maneira mais pratica e positiva de se desafrontar.

Neste pais naturalmente rico pelas condições do seu solo e do seu clima muito havia e ha a explorar, em industrias extrativas de verdadeira riqueza nacional. Os cimentos principiados a usar na segunda metade do seculo passado, em todas as construções, teem-se generalisado nos ultimos annos, e Portugal principiou a importal-os progressivamente, tornando-se tributario, em algumas centenas de contos, da industria estrangeira, possuindo aliaz a melhor materia prima para fabricar esse produto que importava.

Foi nestas circunstancias que os srs. Antonio Moreira Rato & Filhos pensaram em fabricar o cimento Portland artificial, que então se importava de Inglaterra.

A empresa era arrojada. A fabricação que se propunham iniciar muito complexa, demandando de grande capital para a estabelecer, o que levou os srs. Rato a tentar organisar uma companhia com capitaes para aquelle fim. Essa tentativa, que deveria encontrar o maior apoio, não só pelo nome respeitavel dos industriaes que se encontravam á sua frente, como pelo muito que era licito esperar dos seus resultados e ainda como o melhor protesto patriotico contra a ofensa sofrida, não deu resultado. O capital sobscrito foi tão pequeno que não animou a proseguir na ideia de formar companhia, e então os srs. Rato, presistindo na sua iniciativa, tomaram sobre si o fun-

Industria Portuguêsa

A FABRICA DE CIMENTO PORTLAND «TEJO» EM ALHANDRA

HERCULANO GALHARDO

ANTONIO MOREIRA RATO

JOSÉ MOREIRA RATO

GRUPO DE ENGENHEIROS E MAIS CONVIDADOS, NA VISITA Á FABRICA DE CIMENTO PORTLAND «TEJO»
(Cliché do sr. Alberto Lima)

dar a fabrica nuns terrenos, que para esse fim haviam adquirido em Alhandra.

E' facil de calcular as grandes dificuldades que tiveram a vencer os arrojados iniciadores de uma industria inteiramente nova em nosso país e tão complexa, como a deante se descreverá, mas a perseverança dos srs. Antonio Moreira Rato & Filhos triumfou corajosamente, pois lançando os alicerces das primeiras instalações da fabrica em 1892, entrava esta em plena laboração em 1894.

O cimento Portland *Tejo* principiou desde logo a entrar no consumo, consumo que foi progressivamente aumentando de 6:000 a 16:000 toneladas que nos ultimos annos tem atingido.

Para tão progressivo desenvolvimento, mister foi alargar as instalações da fabrica, como garantir a conscienciosa perfeição do produto cujo emprego é da maior responsabilidade.

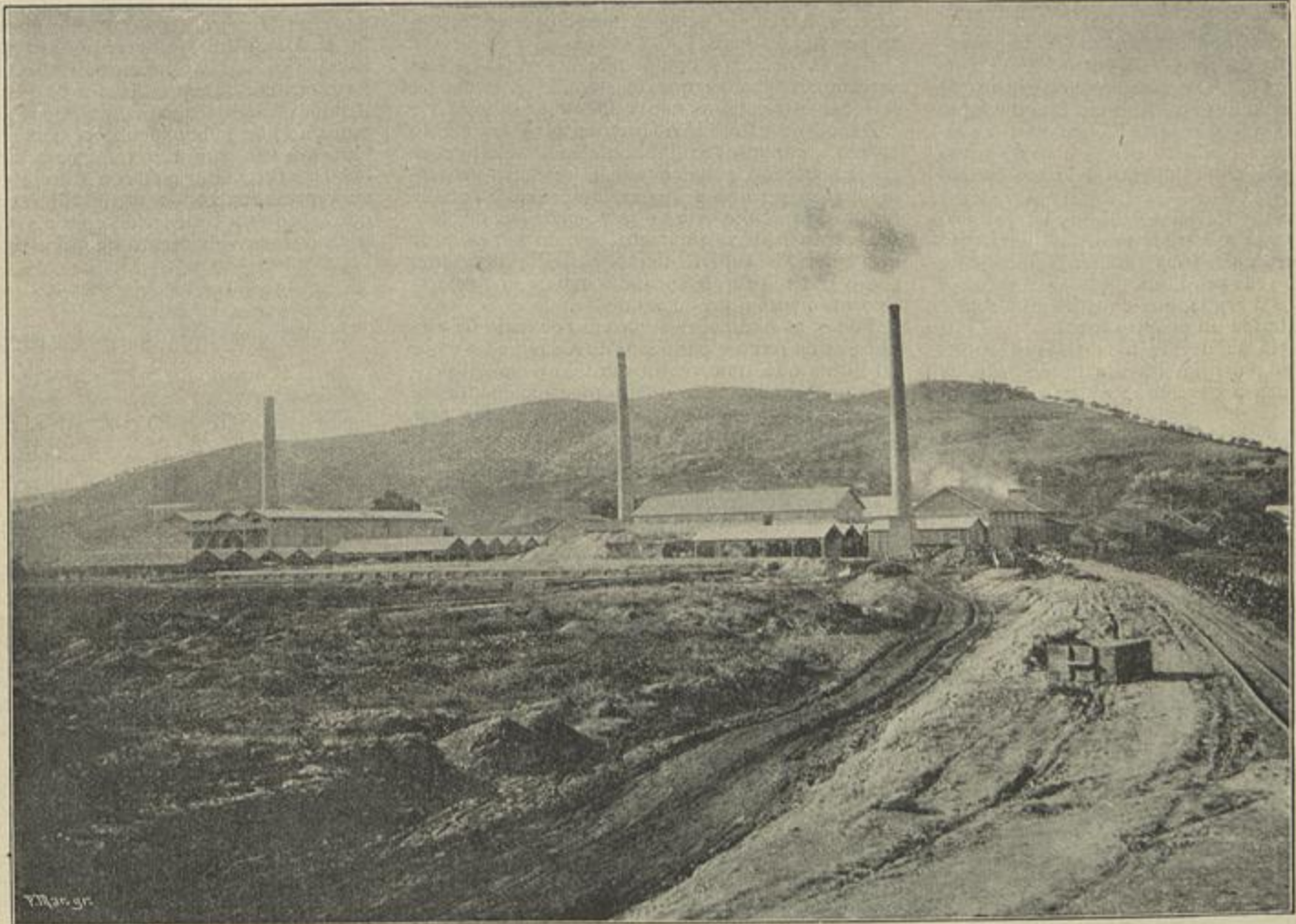
Para esse fim entenderam os srs. Antonio Moreira Rato & Filhos ser necessario a direção de um tequenico habilitado teorica e praticamente, para com mais segurança proseguirem na dificil empresa.

Por fortuna encontraram no sr. Herculano Galhardo o valioso cooperador que precisavam.

Engenheiro distintissimo, o sr. Herculano Galhardo, digno descendente da familia do grande historiador Alexandre Herculano de quem é segundo sobrinho, concluira brilhantemente o seu curso de engenharia, em que tivera sempre as primeiras classificações, não desmentindo a tradição do talento em sua familia, e foi expressamente ao estrangeiro estudar, nas fabricas de cimento, a fabricação deste produto em todas as suas fases, assim como o melhor sistema das instalações, fornos e maquinismos, para chegar aos lisongeiros resultados que a fabrica de cimento Portland *Tejo* hoje apresenta e que tanto honra seus proprietarios como a inteligente direção tequenica do sr. Herculano Galhardo.

Pela descrição da fabrica, que passamos a fazer, poderá o leitor bem avaliar a complexidade do

Industria Portuguêsa

A FABRICA DE CIMENTO PORTLAND «TEJO», EM ALHANDRA

Vista geral do lado do rio Tejo

Vista geral, tirada da Estação do Caminho de Ferro
(Clichés do sr. Arnaldo da Fonseca)

fabico dêsse produto quasi impalpavel que se denomina Cimento Portland *Tejo*, geralmente empregado em edificações, ornamentos, canalisações, tanques e vedações, chegando já ás construções navaes.

*
* *

A 26 kilometros de Lisboa e em frente á estação do caminho de ferro de Alhandra, na margem norte do Tejo, está construida a fabrica de Cimento Portland dos srs. Antonio Moreira Rato & Filhos, ocupando a area de 66:000 metros quadrados, dos quaes, 23:000 ocupa a parte construida, que em 1896 era apenas de 6:100 metros quadrados.

Servida pela via fluvial e pela via ferrea, passando-lhe á porta a estrada real das povoações lemitrofes, tem esta fabrica a maior facilidade no transporte dos seus produtos.

O calcareo e a argila, que constituem a materia prima é extraida no proprio local.

Em tres fases se devide a fabricação do cimento Portland; a primeira é a preparação da *pasta*; a segunda a cosedura; a terceira a moagem.

Seguiremos a descrição pela ordem indicada principiando pela primeira secção:

A primeira maquina que encontramos é um britador ou esmagador destinado a reduzir a pequenos fragmentos os calcarios vindos das pedreiras; seguidamente um secador rotativo do mais moderno sistema, séca esses calcareos, extraindo-lhe a humidade chamada *da pedreira* ou a que de inverno resulta da chuva.

Assim secos, são triturados, moidos e peneirados finamente e nesse estado levados aos diluidores, aonde misturados com os que são naturalmente diluiveis e ainda com a vasa do rio, formam uma calda espessa ou *pasta*, que vae continuamente passando atravez de telas finas para os *doseadores*.

Durante a permanencia da *pasta* nos *doseadores*, analises quimicas efétuadas sobre diversas amostras extraidas a meudo, indicam o teor dessa *pasta* e garantem assim a perfeita homogeneidade do produto. Logo que esta está assegurada, poderosas bombas centrifugas do melhor autor, condusem rapidamente a pasta contida nesse *doseador* para grandes tanques de secagem. Nestes e depois da decantação, a *pasta* adquire a consistencia precisa para ser lançada á pá em vagonetes que diretamente a conduzem aos fornos. E está concluida a primeira fase do fabrico.

Começa a segunda pela elevação mecanica desses vagons e bem assim doutros com o combustivel. Os vagons com a pasta são levados aos secadores, dos quaes cada forno possue dois, um para secagem de cada dia.

Depois de seca é levada a *pasta*, ainda em vagons, a cada um dos quatro fornos da fabrica, onde se procede ás operações da cosedura a uma temperatura de proximamente 2000°, provocada por uma forte ventuinha e uma grande chaminé.

A oporação da descarga faz-se pela parte inferior dos fornos e ali, em um telheiro que corre em frente destes, se procede á rigorosa *escolha* do produto cosido.

Depois de condusido este aos grandes depositos cobertos, aonde permanece algum tempo é novamente levado por meio de vagonetes á secção da moagem, terminando assim a segunda fase do fabrico, á qual se segue a moagem e acondicionamento.

Esta instalação, completamente nova, é das mais aperfeiçoadas que existem, e as melhores fabricas estrangeiras não a possuem superior.

Depois de triturado no britador passa o cimento cosido a um grande moinho de bollas de aço e seguidamente ao peneiro aonde se faz o apartamento do pó fino e dos residuos sendo aquelle levado ás *tulhas* e este ao *tubo acabador*, que por seu turno o deixa finamente moido para entrar nas referidas tulhas, tendo passado, tanto um como outro, pela balança automatica que regista rigorosamente a produção diaria.

Todas as evoluções se fazem por meio de elevadores de ferro e parafuzos de Archimedes e por tal forma que, uma vez introdusido o cimento cosido no britador, tudo é feito mecanicamente até ao acondicionamento que tambem se faz pela mesma fórma por meio de *tremedores* apropriados.

As maquinas motoras são 3:

Uma Tosi da força de 290 cavalos, outra de 170 cavalos e outra de 45 cavalos, sendo 4 os geradores de vapôr.

ARMAZEM DO DEPOSITO DA FABRICA ONDE FOI SERVIDO O «LUNCH»

O britador dos calcarios, o secador rotativo, as bombas centrifugas, o ventilador e o elevador dos fornos, recebem a energia eletrica de 4 dinamos, cuja força é representada por 300 amperes, e toda a fabrica é iluminada a luz electrica.

Nesta fabrica empregam-se cerca de 250 operarios, que ali encontram o sustento de suas familias.

E' esta a fabrica que, como dissémos, foi visitada pelos dignos membros da Assosiação dos Engenheiros Civis Portuguezes, os srs. conselheiro José Fernando de Sousa, Verissimo Mendes Guerreiro, Angelo Sarrea Prado, Arthur de Sousa Bual, Paulo Raymundo Dias de Almeida, José Mario Mello de Mattos, Mario Greefield de Mello, Carlos Bandeira de Mello, Arthur Mendes, A. G. Veiga, Augusto Victor Costa Sequeira, Raul da Costa Fontoura, Hermano de Oliveira, Antonio M. da Silva, João de Vasconcellos, Antonio Franco Aragão, Alfredo Pinto da Veiga, Mello Gomes, Luiz de Albuquerque de Orey, Manoel de Oliveira Bello, Henrique Taveira, Jayme Sottomayor, Antonio Parreira, Augusto Vieira da Silva, João Severo da Cunha, Fernando de Oliveira, Manoel da Cruz Ferreira, Oliveira Relogio, Simão Trigueiros Martel.

Nesta minuciosa visita, que durou cerca de duas horas, o sr. Herculano Galhardo, digno diretor da fabrica, foi dando aos visitantes todas as explicações ilucidativas das dependencias que se iam precorrendo, como dos maquinismos, fornos, secadores, etc.

Os srs. Antonio Moreira Rato, José Moreira Rato e filho, que muito amavelmente acompanharam os visitantes, ofereceram no fim da visita um delicado *lunch* que foi servido no vasto armazem do deposito da fabrica, lindamente decorado para esse fim. Houve varios brindes dirigidos aos benemeritos proprietarios da fabrica e inteligente engenheiro diretor téquenico, elogiando com inteira justiça a iniciativa dos srs. Antonio Moreira Rato & Filhos e a competencia do sr. Herculano Galhardo, destacando-se nesses brindes os srs. conselheiro Fernando de Sousa e Arthur Bual. A estes brindes correspondeu o sr. Antonio Moreira Rato inaltecendo os serviços prestados ao pais pela engenheria portuguêsa a quem agradeceu a sua tão numerosa representação naquella festa do trabalho, assim como á imprensa, ali representada por alguns dos seus membros, que tanto tem concorrido com a sua propaganda para o desenvolvimento da industria portuguêsa.

Literatura Norte-Americana

O MONOPOLIO DA ANTITOXINA

PELO

Doutor A. Cary Selly

(Concluido do n.º 1:007)

Até então, os registos da mortalidade nem por isso avultáram muito. Segundo vaticinára o doutor, a antitoxina era encontravel; e os parentes extremosos haviam-na alcançado supposto o preço fosse criminalmente extorcionario. Mas que significava mero dinheiro além da vida dos proprios filhos? Coisa nenhuma, bagatela, mas quando o preço foi além da sua possibilidade de adquirir, encontrarem-se então afflictos, e os relatorios da mortalidade principiaram a engrossar. Enfermarias e hospicios de caridade foram os primeiros que sofreram.

Achavam-se atulhados de orfãos e de filhos da pobreza, os meios de que dispunham deixavam de ser sufficientes para adquirir a antitoxina, e as vidas das creanças iam-se apagando tal qual se apagariam outras tantas velas.

Uma manhã, o jornal do dia desdobrado sobre a carteira do corretor trazia o seguinte annuncio em caracteres chamando a atenção:

Desapparecem as creanças!

Perante a mortifera diphteria!

Milhares de domicilios estão sendo roubados de seus filhos pela morte implacavel, como se as varrera o invisivel.

Diz-se que os homens se olvidam da propria alma ante a perspectiva de accumular riqueza. E' possivel que o corretor e o medico se houvessem olvidado das suas, pois passavam em claro o annuncio terrivel e o boletim da mortalidade que seguia áquelle, e liam com satisfação consideravel que a epidemia se havia estendido até á fronteira Mexicana, e ás costas do oceano Pacifico. E' possivel que os não houvesse interessado até o saberem que, naquella mesma manhã, o Teddy delirou com a febre e, expulso pelo marido da irmã, tinha sido apanhado na rua por uma ambulancia.

Os dois manipuladores estavam no acume da propria tensão, sequiosos de batalha e egoistas com a cubiça de dinheiro; não tinham um instante de seu. Repentinamente, quando se julgavam muito seguros, acharam-se engolfados num embaraçoso dilêma pela mensagem em cifra do laboratorio de Filadelfia, ameaçando rescindir o contrato se acaso o preço não fosse reduzido para o publico.

Fizemos mal em não ter comprado de vez a todos estes laboratorios em logar de lhes arrematarmos a producção — rosnava o corretor.

— E agora, que havemos de fazer? perguntou o assustado doutor.

Procurar aquelles agentes, em pessoa, e levá-los a manterem firmes seus contratos.

Foram ambos entrevistar a firma que protestára. O corretor encetou o assunto tersamente e sem preludio.

— O senhor embolsa o seu preço e por que quer então que reduzamos o nosso? perguntou o industrial.

— As nossas razões são de méra humanidade, ponderou o director. O preço actual é exorbitante muito além de razão.

— Qual humano nem qual carapuça! cascalhou o corretor.

E' um processo seu de reclamo á nossa custa.

— Algum dos senhores leria este jornal da manhã? perguntou o sereno director.

-- Não lêmos, replicaram:

Apresentou-lhes a ultima edição e, em caracteres de palmo e meio, leram:

O mais nefando crime de que reza a historia

Um monopolio de antitoxina

A noite passada, na enfermaria do hospicio de caridade do Bom Samaritano, mercê do delirio de um pobre innocente, ferido pela terrivel diphteria, sairam a lume os primeiros indicios de um *monopolio de antitoxina*. O interno e a enfermeira estavam-se lamentando em alta voz por não terem antitoxina de especie alguma que dessem aos desgraçadinhos confiados á sua guarda, quando o rapaz, como que em um instante de lucidez, perguntou.

— Que vem a ser antitoxina, doutor?

— Um especifico que cura a diphteria, respondeu o interno.

— Ah! isso então é o que elles açambarcaram!

Voltou a tomar posse delle o delirio e nada mais se pôde sacar a despeito de toda a casta de esforços...

— Ah! doutor, querem ver que é o Teddy!

E o doutor, em voz sibilante, segredou:

— O Teddy!

E então, aquelles dois homens, que haviam transposto a porta do escritorio como que envoltos em poder e autoridade, saíram por ali fóra de foguete, calados e pungindo a um e outro horrida, tremenda afflicção. Quando alcançaram o hospital, a primeira coisa porque perguntaram foi pelo Teddy, e foram desde logo ter com este.

Confrangeu-se-lhe o coração assim que se lhes deparou a creança, magrinha e definhada.

Não parecia andar longe a Morte.

— Que tratamento lhe tem feito? perguntou á enfermeira o doutor.

— Tudo que estava em nossa mão, respondeu a enfermeira com frialdade.

— Antitoxina? indagou o doutor.

— Não a pudémos obter — bem vê — num hospicio de caridade...

O doutor sacou do bolso uns tubos do sôro que coincidiu trazer comsigo e entregou-lhes.

— E' muito tarde, observou ella em tom comminatorio.

— Tentaram a incubação?

— Tentámos; falhou absolutamente.

— Por que não appelaram para a tracheotomia?

— E' inutil, o cirurgião assim o declarou e deve-o saber, — voltou ella, com despeito.

— Mas se é a unica coisa que lhe poderia salvar a vida, accudiu o doutor.

— Porque o não tenta, pois? exarou o Corretor, tente-o doutor, temos que lhe salvar a vida, não é justo que elle padeça as consequencias daquillo que fizemos.

— Não está cá o cirurgião e deu ordem de não deixar sósinho o pequeno, tornou a abespinhada enfermeira.

Contrahiram-se de subito os olhos do doutor e os labios comprimiram-se-lhe.

— Vá-me buscar os instrumentos necessarios e trate de dispôr desde já o doente para a tracheotomia, ordenou.

Hesitou a enfermeira, o sobresenho do doutor e o olhar que lhe despediu este, resolveram-na a obedecer.

— Os aprestes e a scena desusada do hospital, enervaram o corretor.

— Vou-me embora, doutor, não posso supportar isto por mais tempo, segredou, com os beiços desmaiados.

— Mande-me dizer o resultado.

O doutor nutou a cabeça, nem se atreveu sequer a falar.

— Podê-lo-ei ajudar seja no que fôr? perguntou da porta.

— Pode e podemos salvar, para ahi, um cento de crianças, tornando accessivel ao publico a antitoxina, — replicou o doutor.

— Accessivel — sim, quero dizer... em conta...

E eu que nunca pensei em semelhante coisa! accudiu o corretor, vindo alumear-lhe os olhos tristes e cançados um lampejo de esperança.

— E não se demore.

A voz do doutor tinha um tom de commando — voltára a ser o que era.

— Telegrafarei — prometeu o corretor.

E abalou. O doutor procedeu á operação, frio e decidido.

Esguichou um jacto de sangue negro, carbonisado para a cara do doutor, e rapido e alacre um golfo de ar nos afogados pulmões; acto-continuo, foram applicados os tubos no logar proprio e Teddy voltou a respirar.

O corretor havia concluido o seu telegrama e estava sentado no escritorio, á espera do recado do hospital, tal qual um assassino á espera da sentença.

— Chegou o recado:

«O Teddy recupera a vida. Empreguei a antitoxina, tenho fé no restabelecimento.—DOUTOR».

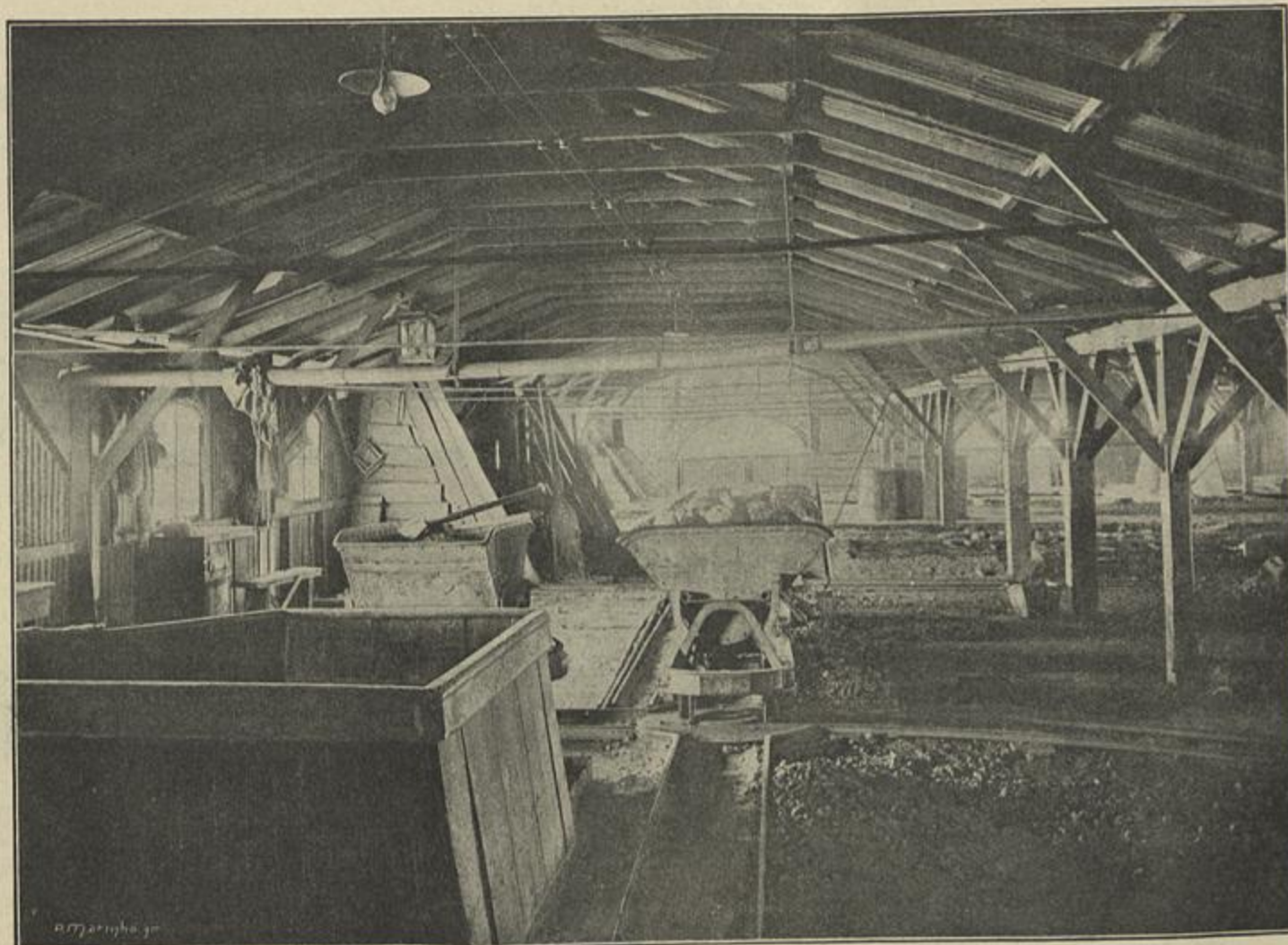
H. DE MACEDO.

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes, o frontespicio, indeces do volume e Um suplemento Brinde — **Restauração de Portugal — Coroação de D. João IV**, *Quadro de Velloso Salgado*, existente no Museu de Artilharia.

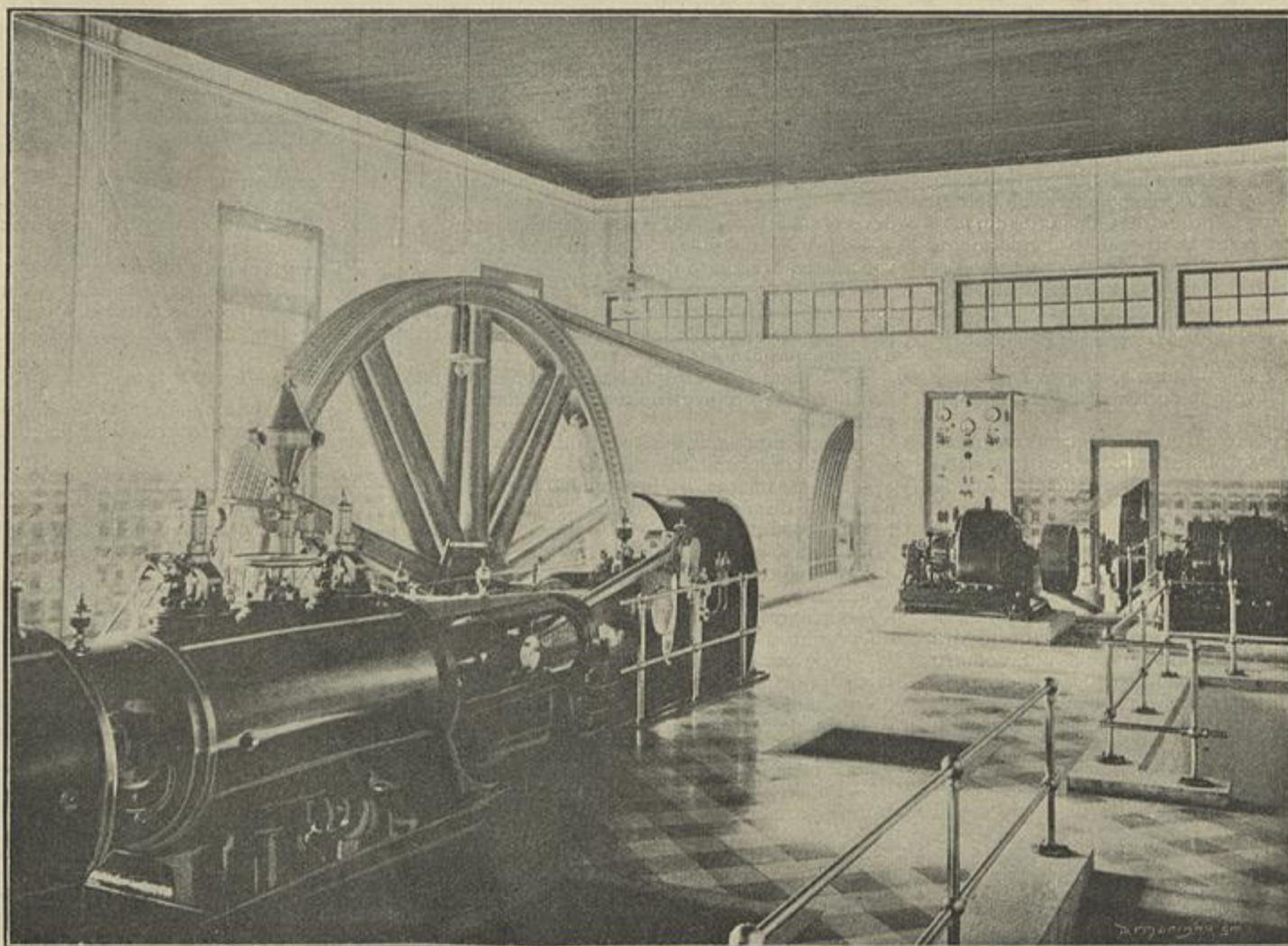
Preço do numero avulso com suplemento 320 réis. Só o suplemento 200 réis.

Industria Portuguêsa

A FABRICA DE CIMENTO PORTLAND «TEJO», EM ALHANDRA

OS FORNOS VERTICAES COM SECADORES

(Cliché do sr. Arnaldo da Fonseca)

Industria Portuguêsa

A FABRICA DE CIMENTO PORTLAND «TEJO», EM ALHANDRA

GRANDE MAQUINA MOTORA «TOSI»
(Cliché do sr. Arnaldo da Fonseca)

Restauração de Portugal — Coroação de D. João IV

Quadro de Velloso Salgado, existente no Museu de Artilharia